

BILINGUISMO NA PRIMEIRA INFÂNCIA: EFEITOS DA AQUISIÇÃO DE UM SEGUNDO IDIOMA NOS PROCESSOS COGNITIVOS**BILINGUALISM IN EARLY CHILDHOOD: EFFECTS OF ACQUIRING A SECOND LANGUAGE ON COGNITIVE PROCESSES** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.067-128>**Maria Inês de Souza Azevedo Mello**

Mestra em Cognição e Linguagem

Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF

E-mail: misamello2@gmail.comLattes: <https://lattes.cnpq.br/8409673483651637>**Jéssica Magalhães Gomes**

Licenciatura em Pedagogia

Instituto de Educação Professor Aldo Muylaert - ISEPAM

E-mail: jehmagalhaesg@gmail.comLattes: <https://lattes.cnpq.br/9471750885694227>**Resumo**

Bilinguismo é a capacidade de uma pessoa compreender e se comunicar em duas línguas diferentes e a linguagem é o meio de comunicação que usamos para nos expressarmos e criar conexões com outras pessoas. Assim o presente trabalho tem como tema “Bilinguismo na primeira infância: efeitos da aquisição de um segundo idioma nos processos cognitivos”, buscando responder ao questionamento: a aquisição de um segundo idioma na primeira infância pode resultar em efeitos positivos nos processos cognitivos das crianças? O objetivo desse trabalho é analisar os efeitos desta aquisição de um segundo idioma nos processos cognitivos de crianças na primeira infância. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e descritiva. A coleta de dados foi realizada através de análise de livros e artigos científicos, e contou com a contribuição de diversos autores na composição do referencial teórico, tais como: Bialystok (2022), Mackey e King (2007), Flory (2009), Megale (2019), Grosjean (2010), Schelleter (2020). Ao término do trabalho pode-se constatar que o bilinguismo precoce age como um treino contínuo para o cérebro e, contrariando o senso comum, aprender duas línguas desde a infância não gera uma inteligência maior em relação a um monolíngue, mas o que acontece de fato é que crianças bilíngues têm uma vantagem em relação as funções executivas com uma boa flexibilidade cognitiva e controle inibitório apurado.

Palavras-chave: Bilinguismo; Controle inibitório; Flexibilidade cognitiva; Primeira infância.

Abstract

Bilingualism is the ability of an individual to understand and communicate in two different languages, while language is the means of communication used to express ourselves and create connections with others. Thus, the present study focuses on the theme "Bilingualism in early childhood: effects of second language acquisition on cognitive processes", seeking to answer the following question: can the acquisition of a second language in early childhood result in positive effects on children's cognitive processes? The objective of this work is to analyze the effects of second language acquisition on the cognitive processes of children during early childhood. To this end, a qualitative and descriptive bibliographic research was conducted. Data collection was carried out through the analysis of books and scientific articles, featuring contributions from several authors in the theoretical framework, such as: Bialystok (2022), Mackey and King (2007), Flory (2009), Megale (2019), Grosjean (2010), and Schelleter (2020). Upon completion of the study, it was found that early bilingualism acts as continuous training for the brain. Contrary to common sense, learning two languages from childhood does not generate higher intelligence compared to a monolingual individual; rather, what actually occurs is that bilingual children have an advantage regarding executive functions, characterized by strong cognitive flexibility and sharp inhibitory control.

Keywords: Bilingualism; Cognitive flexibility; Early childhood; Inhibitory control.

1 INTRODUÇÃO

O bilinguismo infantil é um assunto que vem cada vez mais sendo tratado no ambiente social, tanto por pais que buscam manter o idioma da origem familiar, assim como no intuito de fornecer uma educação que ofereça um futuro com melhores oportunidades para os filhos. Quando se analisa a história, segundo Bialystok (2022), é perceptível que o bilinguismo está presente na sociedade desde muito tempo, por exemplo, quando pessoas migravam de seus países de origem para buscar melhores condições de vida.

Com o avanço do fluxo de pessoas ao redor do mundo e o progresso tecnológico, ser bilingue torna-se algo de suma importância para quem visa bons trabalhos ou mesmo viajar a lazer, pois ser capaz de se comunicar em uma outra língua como o inglês, não só abre horizontes profissionais como também permite uma imersão em diferentes culturas e formas de pensar.

Levando em conta esses aspectos, este estudo se propôs a investigar uma questão relevante para a educação contemporânea: a aquisição de um segundo idioma na primeira infância pode resultar em efeitos positivos nos processos cognitivos das crianças?

Assume-se como hipótese que a aquisição precoce de uma segunda língua promove o desenvolvimento cognitivo das crianças, o que se manifesta numa flexibilidade cognitiva

significativamente maior, num melhor controle inibitório¹ e numa consciência metalinguística mais desenvolvida em comparação com crianças monolíngues.

A presente pesquisa busca, como objetivo geral, analisar os efeitos da aquisição de um segundo idioma nos processos cognitivos de crianças na primeira infância. Os objetivos específicos desse trabalho são compreender os aspectos positivos do bilinguismo nos processos cognitivos infantis considerando aspectos como memória, atenção e flexibilidade mental; investigar a etapa da primeira infância como um período propício para a aquisição de um segundo idioma e seu impacto no desenvolvimento global da criança e pesquisar as metodologias de ensino de uma segunda língua e sua relação com os desenvolvimentos cognitivo e socioemocional nos primeiros anos de vida.

2 METODOLOGIA

A metodologia do presente trabalho consiste em um estudo bibliográfico de natureza qualitativa e a coleta de dados foi realizada através de análise de livros e artigos científicos. Quanto a organização, esta pesquisa está dividida em seções, além da introdução e das considerações finais. A primeira seção apresenta o conceito de bilinguismo e discute sua relevância no cenário mundial. Na segunda seção, se discute o bilinguismo na primeira infância e como esse período é sensível para aquisição de uma segunda língua. Por fim, a terceira seção aborda propostas metodológicas para o ensino de uma segunda língua na primeira infância.

Com o intuito de fundamentar a discussão, foram selecionados autores como Bialystok (2022), Mackey e King (2007), Flory (2009), Megale (2019), Grosjean (2010), Schelleter (2020).

3 BILINGUISMO: CONCEITOS E POSIÇÃO NA ATUALIDADE

Com o processo de globalização, a importância de se falar uma segunda língua, como o inglês, por exemplo, passou a ser primordial na vida de qualquer pessoa. Ser capaz de falar um outro idioma considerado como uma ponte de comunicação em diversas áreas, traz diversos benefícios e acessos a diferentes esferas da vida.

O bilinguismo é um fenômeno que atinge todo o mundo, independente de idade e segmento social (do ponto de vista linguístico) e isso ocorre porque a comunicação entre os países está cada vez mais avançada. Nesse contexto, a disseminação das tecnologias digitais e, como consequência, a facilidade de acesso às informações culturais e linguísticas contribuem de maneira significativa para o aumento do bilinguismo.

Grosjean (2010, p. 123), afirma que "A proficiência em duas línguas pode abrir mais portas no

¹ Segundo Bialystok (2001) é uma capacidade de suprimir respostas automáticas ou pré-estabelecidas para focar em tarefas relevantes ou novas.

mercado de trabalho, impulsionar a ascensão social e oferecer uma vantagem competitiva na atividade profissional”. Consolidado como língua franca mundial, o Inglês é predominante em importantes setores, como o mundo dos negócios, a pesquisa científica, a tecnologia, a internet, a aviação e a diplomacia. Essa ampla utilização global é o principal fator que eleva o número de seus falantes não nativos.

Embora haja um reconhecimento atual da importância de dominar um segundo idioma, essa percepção não era a regra em momentos anteriores da história. Os autores Flory e Souza (2009) destacam que:

Antigamente, as escolas bilíngues eram procuradas principalmente por famílias de imigrantes que desejavam que seus filhos crescessem em contato com sua cultura de origem, ou por famílias que vinham passar um período no Brasil, e depois se mudariam para outros países (Flory e Souza, 2009, p.25, tradução própria).

Já em um cenário mais atual, a crescente busca dos pais por instituições de ensino bilíngues reflete a percepção social de que a proficiência em um segundo idioma oferece vantagens significativas para o futuro de seus filhos. Tal demanda é impulsionada pelo reconhecimento de que o bilinguismo se constitui numa ferramenta fundamental para a inserção das crianças em um cenário globalizado e cada vez mais competitivo.

O conceito de bilinguismo não é um consenso na literatura, pois ele varia entre diferentes autores e pesquisadores, o que nos leva a refletir e observar a complexidade do processo e as diferentes perspectivas teóricas.

Segundo Flory e Souza (2009):

Bilinguismo representa uma infinidade de quadros diferentes, os quais remetem à esfera social, política, econômica, individual, à aceitação e valorização de cada uma das línguas faladas e das culturas com as quais se relacionam, à exposição e experiência com a língua, entre outros fatores (Flory e Souza, 2009, p.28 tradução própria).

Na visão de Bloomfield (1933), bilinguismo seria quando a pessoa tem o controle nativo de duas línguas. Já na perspectiva de Grosjean (2010, p. 4), "Bilíngues são aqueles que usam duas ou mais línguas ou dialetos em suas vidas cotidianas”.

Sendo assim, não é necessário dominar duas línguas perfeitamente para ser considerado bilíngue, pois a característica principal é o uso contínuo e regular delas em atividades diárias, como em conversas com parentes, na atividade laboral ou em outras situações cotidianas e sociais.

Como já mencionado, a interpretação sobre o que significa ser bilíngue varia amplamente entre os especialistas, pois cada autor, com base em suas próprias pesquisas e estudos, elabora conceitos e teorias que melhor refletem sua perspectiva, o que explica a ausência de um consenso único na área.

Muitos pesquisadores têm dedicado seus esforços à investigação dos impactos do bilinguismo na cognição individual. Segundo Bialystok (2022), "A parte importante da linha do tempo é que, durante o período em que o bilinguismo era considerado prejudicial às crianças, por volta de 1920 a 1960, realmente não existia o conceito de cognição ou cognitivo". Por um longo período, a educação e a sociedade em geral consideravam que o bilinguismo na infância poderia ser um obstáculo ao desenvolvimento da linguagem crianças. Lambert (1962) menciona:

Teoricamente, quais seriam os efeitos esperados do bilinguismo na inteligência ou no desenvolvimento mental? Poucos dos psicólogos que estudaram essa questão tentaram oferecer alguma explicação além de referências bastante vagas a uma 'deficiência linguística' ou 'confusão mental' (Peal e Lambert, 1962, p. 5, tradução própria).

A antiga concepção de que o bilinguismo causaria confusão ou atraso na aquisição simultânea da língua materna em crianças foi categoricamente refutada pela pesquisa moderna. Essa visão não encontra mais respaldo no meio científico, pelo contrário, o entendimento atual aponta para uma direção oposta, conforme Grosjean (2010) ressalta, ao afirmar que o bilinguismo passou a ser encarado como um instrumento que dinamiza a mente, em total oposição à antiga percepção de que seria uma desvantagem ou causa de confusão.

O bilinguismo se tornou um campo de estudo relevante devido aos esforços de linguistas e psicólogos. Ambos os grupos têm dedicado suas pesquisas à análise de como o domínio de duas línguas molda a mente, a comunicação e o desenvolvimento geral dos indivíduos. De acordo com Schelletter (2020),

Enquanto os linguistas se concentram na linguagem que as crianças produzem e extraem conclusões sobre o seu conhecimento linguístico, os psicólogos investigam os processos mentais que as crianças utilizam e que as capacitam a produzir a linguagem (Schelletter 2020, p.xi, tradução própria).

A autora segue sustentando que “Ao contrário do que as pessoas costumavam acreditar, o bilinguismo não atrasa a aprendizagem de línguas. Melhor ainda, crescer como falante bilingue favorece vantagens distintas” (Schelletter 2020, p.1). Consequentemente, aprender uma segunda língua desde criança acarreta benefícios que vão além da comunicação, fortalece um conjunto de habilidades, inclusive exercita o cérebro.

Segundo Schelletter (2020) muitos estudos sobre linguagem da criança e bilinguismo infantil se iniciaram através da observação dos pais com seus próprios filhos e, a partir disso, informações e evidências foram coletadas, efetivadas ou refutadas mais tarde por meio de análises mais detalhadas. Tal metodologia inicial é confirmada por Bialystok (2021, p. 2), ao afirmar que “O estudo formal da aquisição

da linguagem começou com a observação minuciosa de crianças pequenas aprendendo a falar”.

Nessa mesma linha de raciocínio, Schelletter (2020) detalha a metodologia explicando que:

Os métodos iniciais para estudar a linguagem infantil, incluindo a de crianças bilíngues, consistiam em diários mantidos pelos pais. Posteriormente, estes foram substituídos ou complementados por gravações de áudio que eram transcritas e analisadas em profundidade (Schelletter 2020, p. 21, tradução própria).

Em vista disso, o aprimoramento das pesquisas foi significativo para revalidar as observações iniciais, permitindo que os estudos subsequentes pudessem analisar com precisão os impactos do bilinguismo no desenvolvimento cognitivo da criança.

Alinhado a Vigotski (1934), a linguagem é fundamental para a interação humana. Imediatamente após o nascimento, o ser humano já inicia a comunicação utilizando a linguagem não verbal. Este sistema primitivo de sinais e gestos serve como ponto de partida para a aquisição e o desenvolvimento posterior da linguagem verbal, que mediará todo o seu aprendizado no meio em que vive. Ademais, Bialystok (2001, p. 40) acrescenta que “A linguagem emerge da experiência cotidiana das crianças para cumprir funções cognitivas, sociais e comunicativas específicas.”

De acordo com Zavaglia (2003, *apud* Chomsky, 1959),

A criança possui uma capacidade inata de adquirir uma língua, isto é, ela já é possuidora da faculdade para a linguagem, e portanto, será capaz de reconhecer as regras gramaticais da língua pertencentes ao ambiente linguístico no qual está inserida (Zavaglia, 2003, p. 238 *apud* Chomsky, 1959, tradução própria).

Conforme Lent (2019) explica, é na Primeira Infância, período que vai do nascimento aos seis anos de idade, que o ser humano tem a maior facilidade de aprendizado além de uma ótima capacidade de memorização, pois as conexões sinápticas são bem flexíveis por isso é interessante que o contato com um novo idioma seja iniciado o mais cedo possível. Essa estratégia aproveita a fase ideal do desenvolvimento em que as crianças possuem uma aptidão superior para assimilar e absorver com naturalidade novos sistemas linguísticos. Schelletter (2020, p. 29) afirma que “Aprendizes que são expostos a duas línguas desde o nascimento são mais propensos a ter proficiência semelhante em ambas as línguas”.

De acordo com Trask (2008, p. 47), “Há evidências de que as crianças que crescem bilíngues tendem a ser mais expressivas, mais originais e mais comunicativas do que as crianças que crescem com uma única língua”. É notável o contraste na aquisição linguística entre diferentes faixas etárias, pois as crianças manifestam uma capacidade distinta para adquirir um segundo idioma com fluidez e naturalidade, diferentes dos adultos que, geralmente, enfrentam maior resistência e muitas vezes dificuldade para internalizar outra língua. “Aprendizes que começam a adquirir uma segunda língua mais cedo geralmente

também têm mais exposição a essa língua do que aqueles que começam mais tarde” (Genesee, 2015, p. 8).

Bialystok (2001) aponta que o aprendizado de uma segunda língua na infância é mais eficaz por causa da maior plasticidade cerebral e menor resistência a novos padrões linguísticos, facilitando a aquisição correta de pronúncia, gramática e vocabulário, algo que é mais desafiador para adultos.

Piaget (1994) completa falando que a aquisição e o desenvolvimento da linguagem na criança pequena coincide com o período pré-operatório que ocorre tipicamente dos dois aos sete anos de idade. Nesta fase, a linguagem se torna a principal manifestação da função simbólica, permitindo à criança representar o mundo e as ações mentalmente e não apenas por manipulação prática.

Contudo, para que esse potencial de desenvolvimento linguístico se concretize em bilinguismo, é imprescindível considerar as influências externas. Tais influências são diversas e englobam desde a necessidade de integração social e cultural até escolhas pedagógicas dos pais. Na visão de Bialystok (2001),

Crianças se tornam bilíngues por muitas razões: imigração, educação, família estendida (ou família maior), residência temporária em outro país, deslocamento (ou deslocalização), ou simplesmente por nascerem em um lugar onde se assume que o bilinguismo é normal. Essas condições são frequentemente associadas a um conjunto de fatores sociais correlatos, como o nível de escolaridade dos pais e as expectativas parentais em relação à educação dos filhos, o grau e o papel do letramento no lar e na comunidade, a proficiência na língua dominante, os propósitos para os quais a segunda língua é utilizada, o apoio comunitário à segunda língua e a identificação com o grupo que fala a segunda língua. O desenvolvimento das crianças é afetado por todos esses fatores (Bialystok, 2001, p. 6-7 tradução própria).

Nesse contexto da evolução das capacidades linguísticas, torna-se interessante distinguir as classificações mais relevantes do bilinguismo infantil, com foco especial no simultâneo e no sequencial. De Houwer (1990) menciona que no bilinguismo simultâneo, a criança é criada, ou seja, ela ouve e aprende duas línguas desde o nascimento, ou nos primeiros meses de vida. Já o bilinguismo sequencial consiste na aquisição de uma segunda língua após a criança já ter aprendido outra previamente. Na concepção de Genesee (2015),

Embora bilíngues simultâneos tenham menos exposição a cada língua individualmente do que os monolíngues, eles alcançam os mesmos marcos no desenvolvimento da linguagem em idades aproximadamente iguais às das crianças monolíngues, e demonstram os mesmos padrões de desenvolvimento em geral (Genesee, 2015, p. 10, tradução própria).

O processo de adquirir dois idiomas de forma simultânea é considerado tão inerente ao desenvolvimento quanto o aprendizado de um único. Isso indica que, ao estarem inseridas em um contexto de aprendizado propício, as crianças são capazes de desenvolver uma proficiência completa e bilíngue que

se equipara à proficiência linguística demonstrada por crianças que falam apenas um idioma (Genesee, 2015, p. 12).

3.1 A PRIMEIRA INFÂNCIA COMO PERÍODO SENSÍVEL PARA A AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA

O período da primeira infância é geralmente conhecido como uma fase na qual a criança é capaz de adquirir muitos conhecimentos que são essenciais para seu desenvolvimento. É nessa etapa que são estabelecidas as bases físicas, cognitivas e socioemocionais que irão perdurar ao longo de toda vida como, por exemplo, uma boa coordenação motora, noção de tempo e espaço e também bagagem cultural. Segundo Bialystok (2022, p. 12) "As experiências e habilidades que adquirimos com as línguas impactam nossas vidas cognitivas, sociais e emocionais. Em um sentido real, as línguas que falamos influenciam quem somos, com quem interagimos e como reagimos ao mundo".

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018) documento normativo que estabelece um conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos da Educação Básica brasileira devem desenvolver, a Educação Infantil estrutura-se em direitos de aprendizagem e desenvolvimento, que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Nesse sentido, considerando a introdução de um segundo idioma na primeira infância, é fundamental que o processo de aprendizagem da nova língua seja leve e contextualizado. Para garantir a eficácia, é fundamental que o ensino siga e se integre a esses pilares – conviver, brincar e explorar – pois quanto maior a naturalidade e a relevância da exposição linguística, mais fácil se torna para a criança a aquisição e o desenvolvimento dessa nova competência. Como cita Bialystok (2001), a aquisição linguística pelas crianças demonstra ser mais eficaz quando se desenvolve espontaneamente, por meio do engajamento social, de atividades lúdicas e de vivências contextualizadas, em contraste com abordagens puramente instrucionais ou que se restringem a métodos didáticos formais.

Segundo o artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Brasil, 1996), a Educação Infantil é a "primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade". Portanto, é nítida a importância da Educação Infantil à luz da lei, ou seja, a legislação não apenas a reconhece como um direito fundamental, mas também evidencia que esta fase é essencial para o desenvolvimento integral e a formação completa do indivíduo.

Na concepção de Bialystok (2001), é nesse período que o cérebro se encontra em máxima construção, manifestando a maior plasticidade neural e a intensa criação de conexões. Essa condição biológica dá origem ao conceito de Período Crítico/Sensível, o qual sugere uma janela ideal para o desenvolvimento linguístico. Como resultado, a aprendizagem de uma segunda língua nessa etapa é

facilitada, tornando-se mais natural e eficiente, aproveitando as janelas de oportunidade do desenvolvimento neurológico infantil.

A preocupação de que crianças bilíngues possam sofrer confusão ou apresentar atrasos na aprendizagem é recorrente, contudo, evidências da ciência da linguagem e da neurociência demonstram que este fenômeno não se concretiza. Pelo contrário, o cérebro infantil possui uma capacidade notável para gerenciar e processar dois idiomas de maneira simultânea. Inclusive, como afirma Bialystok (2022, p. 23), "Com início na infância, antes mesmo de terem proferido uma única palavra, essas duas línguas são entendidas como sistemas diferentes, portanto, não há razão para esperar que causem confusão". Genesee (2015, p. 8) completa "Aprender duas línguas simultaneamente não é mais desafiador para o sistema neurocognitivo humano do que aprender uma".

Essa insegurança de que o bilinguismo precoce possa causar atrasos no desenvolvimento ou que as crianças bilíngues fiquem aquém dos padrões esperados para sua idade em comparação com as crianças monolíngues é um tema de debate popular persistente, contudo, a vasta literatura em neurociência e aquisição de linguagem refuta consistentemente essa noção.

De acordo com Genesee (2015),

Crianças que adquirem duas línguas desde o nascimento alcançam os mesmos marcos fundamentais no desenvolvimento da linguagem em relação ao balbúcio, às primeiras palavras e ao surgimento de combinações de palavras que as crianças monolíngues, dentro do mesmo período de tempo, apesar de terem, em média, menos exposição a cada língua do que os monolíngues (Genesee, 2015, p. 7 tradução própria).

A evidência apresentada por Genesee (2015) e a literatura da área desmistificam a ideia de atraso, demonstrando que o desenvolvimento bilíngue segue a trajetória maturacional normal. Nessa mesma linha, Bialystok (2022) sustenta que,

Em média, uma criança bilíngue conhecerá menos palavras em cada língua do que uma criança monolíngue que fala apenas aquela língua. Contudo, a aquisição de linguagem é muito mais do que apenas acumular palavras, embora estas sejam obviamente importantes. Crianças bilíngues também conhecem palavras em outro idioma, e são muito estratégicas ao usar todos os seus recursos para melhorar a comunicação, mesmo que isso inclua pedir palavras emprestadas de sua outra língua. É claro que a proficiência das crianças se desenvolverá mais plenamente na língua à qual elas têm maior exposição, o que nos remete novamente à questão da quantidade (Bialystok, 2022, p. 23, tradução própria).

Embora o aprendizado bilíngue possa resultar em um número reduzido de vocábulos em cada idioma no início, essa condição não configura um ponto negativo ou um descompasso no desenvolvimento. O sistema cognitivo da criança está, na verdade, processando e gerenciando dois códigos distintos, inclusive de acordo com Bialystok (2021), crianças bilíngues tendem a desenvolver uma

maior capacidade de focar em um estímulo enquanto inibe outros irrelevantes, que se relaciona a atenção seletiva e controle inibitório, devido às demandas cognitivas de gerenciar duas línguas de forma eficaz. Portanto seguindo o raciocínio de Bialystok (2001) em termos cognitivos, o bilinguismo costuma favorecer a agilidade em atividades que exigem foco atencional e inibição durante solução de problemas.

Além das vantagens cognitivas, a vivência bilíngue proporciona um repertório sociocultural significativamente expandido. A exposição contínua a diferentes culturas, códigos escritos e narrativas diversas provenientes de livros, mídias e interações, intensifica o desenvolvimento da consciência metalinguística². Bialystok (2001), discute a consciência metalinguística como um componente importante no desenvolvimento das habilidades linguísticas e cognitivas, especialmente no contexto do bilinguismo. Enfatiza que a consciência metalinguística é uma habilidade que se desenvolve ao longo do tempo, sendo influenciada pela experiência linguística e que ela é especialmente aprimorada em crianças bilíngues devido às demandas adicionais de gerenciar duas línguas e de refletir sobre as estruturas linguísticas de ambas.

Portanto, entende-se que, ao alternar diferentes códigos, as crianças desenvolvem uma percepção sensibilizada sobre o cenário da comunicação além de promover uma flexibilidade cognitiva superior por estar sempre inibindo uma língua quando se está utilizando a outra, é como se fosse um exercício para a mente.

Piaget (1994), aborda a ideia de que o desenvolvimento cognitivo ocorre por estágios sucessivos, nos quais as estruturas mentais se reorganizam e se fortalecem ao longo do tempo, especialmente na infância. Ele sustenta que durante esses períodos, há uma maior capacidade de reconstrução e assimilação de novas informações, o que pode ser interpretado como uma maior facilidade de reconexão neural, conceito que, na neurociência moderna, correlaciona-se com a plasticidade cerebral. Segundo o autor, aproximadamente na faixa etária dos dois a sete anos de idade existe o período pré operatório, o qual a criança desenvolve suas primeiras operações mentais. Piaget (1994) caracteriza esse estágio por fases importantes de desenvolvimento cognitivo, incluindo a aquisição da expansão do uso da linguagem.

Nessa fase a criança começa a usar símbolos como palavras, gestos ou imagens para representar objetos e ideias. Sendo o bilinguismo entendido como uma capacidade de usar e controlar dois conjuntos de palavras ou dois idiomas para se referir à mesma coisa, o cérebro bilíngue aproveita essa explosão simbólica da fase pré-operatória para organizar os dois códigos simultaneamente.

Conforme Paz *et al.* (2024), falantes bilíngues, ao gerenciarem múltiplos idiomas, também experimentam diferenças na ativação neuronal que afetam os mecanismos de controle cognitivo, a atenção auditiva e os processos sensoriais. Especificamente, a necessidade constante de gerenciar dois códigos

² De acordo com Bialystok (2021), consciência metalinguística refere-se ao conhecimento e à compreensão de aspectos formais da linguagem, incluindo a capacidade de refletir sobre as regras, estruturas e funções da linguagem de maneira consciente.

linguísticos resulta no aprimoramento do controle inibitório.

Os bilíngues gerenciam suas línguas por meio de processos que ainda geram debate entre pesquisadores, seja pela inibição da língua não utilizada, ou pela sua desativação temporária, conforme Grosjean (2010) aborda:

Há muito tempo, pesquisadores estão intrigados com a forma como os bilíngues conseguem controlar a língua que falam e como eles mantêm seus outros idiomas fora do uso. Em nível cognitivo, há um debate ativo sobre os mecanismos envolvidos. Alguns pesquisadores, como David Green, da Universidade de Londres, falam da inibição das línguas que não são necessárias, enquanto eu adoto uma postura “mais branda” e defendo a desativação desses idiomas, mas não a sua inibição (Grosjean, 2010 p. 65 tradução própria).

O debate teórico entre a inibição, proposta por pesquisadores como David Green e a desativação temporária, defendida pelo autor Grosjean (2010), reflete a complexidade do sistema de gerenciamento bilíngue. Independentemente da teoria, a prática de controlar e alternar os códigos linguísticos confirma a ação constante dos mecanismos de controle cognitivo, reforçando o papel ativo do cérebro bilíngue nesse processo.

Contrariando a percepção comum, o bilinguismo não está intrinsecamente ligado a uma inteligência geral superior. A literatura científica demonstra que as crianças com experiência bilíngue não se tornam, de forma automática, mais inteligentes. Bialystok (2022) desmistifica a o pensamento no qual o bilinguismo infantil aumentaria a inteligência de uma criança e menciona,

A experiência bilíngue não altera a capacidade intelectual: crianças bilíngues não são nem mais nem menos inteligentes do que crianças monolíngues. Há, contudo, evidências de que a experiência bilíngue modifica alguns aspectos dos processos cognitivos das crianças, e essas modificações algumas vezes capacitam crianças bilíngues a realizar certas tarefas melhor do que seus pares monolíngues ou, pelo menos, a aprender como realizar essas tarefas em uma idade mais precoce (Bialystok, 2022, p. 98, tradução própria).

Ainda segundo a Bialystok (2022),

a vivência bilíngue modifica a forma de distribuição da atenção, tornando-a mais eficaz em bilíngues do que em monolíngues. Consequentemente, menos recursos cognitivos são requeridos para que os bilíngues atinjam o mesmo patamar de desempenho. A justificativa para tal é que a experiência em um contexto elaborado, no qual a atenção deve ser constantemente dividida entre dois idiomas, proporciona um treino fundamental nos mecanismos de atenção seletiva. Em tarefas de baixa complexidade, tanto monolíngues quanto bilíngues apresentam resultados similares; no entanto, à medida que as exigências atencionais se elevam, os monolíngues demonstram dificuldades, enquanto os bilíngues conseguem sustentar seu nível de desempenho (Bialystok, 2022, p. 99, tradução própria).

Portanto, entende-se que com o gerenciamento dos sistemas linguísticos o cérebro bilingue é constantemente exercitado fazendo com que se torne mais adaptável a desafios. E ao aprender duas línguas

a criança capta além do uso funcional da linguagem como por exemplo uma consciência fonológica e sintática aguçada.

3.2 PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Considerando a conjuntura vigente, a proficiência em mais de uma língua se configura como uma necessidade importante para quem quer se destacar em um mundo considerado interconectado. Pais e responsáveis estão cada vez mais interessados em criar os seus filhos bilíngues, não apenas pelo fato de dar um futuro com um leque mais aberto a eles, mas também algumas vezes a intenção é de manter a herança cultural da família, ou seja, a língua de seu país de origem. De acordo com King e Mackey (2007),

Em um mundo cada vez mais globalizado, nossas crianças precisarão de uma segunda língua muito mais cedo e com um nível de competência consideravelmente mais elevado do que poderíamos ter imaginado vinte anos atrás. Diante dessa necessidade, faz sentido conceder aos nossos filhos essa vantagem educacional e de carreira, começando desde cedo (King e Mackey, 2007 p. 14 tradução própria).

Partindo do pressuposto que a primeira infância é uma fase sensível ao aprendizado das crianças, nada melhor que iniciar nesse momento o ensino de uma segunda língua, aproveitando, então, essa capacidade inata que eles possuem desde quando nascem de absorver códigos linguísticos distintos simultaneamente. Os autores King e Mackey (2007) complementam falando que,

Todos os bebês chegam nesse mundo com uma capacidade inata para a linguagem. Desde o dia que eles nascem, eles começam a aprender a língua que os circunda. Dessa maneira, todo bebê é um cidadão do mundo com total capacidade de aprender qualquer das seis mil línguas (King e Mackey, 2007, p. v, tradução própria).

Uma vez entendendo que existe um período sensível para a aprendizagem e que os bebês já possuem a capacidade de adquirir naturalmente outro idioma sem que este seja o dominante, basta, a partir daí, alinhar as propostas e ações pedagógicas para saber qual a melhor didática e metodologia, pois, apesar de toda facilidade e aptidão que eles demonstram ter, existem diversas técnicas e maneiras de estimular de modo mais acentuado esse aprendizado para que haja uma assimilação profunda e prazerosa para os pequenos, de maneira natural e imersa no cotidiano do criança.

Existem diferentes possibilidades de prover o ensino de uma segunda língua para crianças desde o nascimento e todas elas envolvem empenho por parte dos pais ou professores para que isso ocorra, mas não necessariamente torna-se uma tarefa árdua que os responsáveis terão que acrescentar tempo em suas rotinas para que aconteça. Trata-se de constância, planejamento e técnicas que qualquer pessoa pode aplicar. São ações simples aproveitando o próprio dia a dia da família e de quem faz parte de seu cotidiano.

Na perspectiva dos autores King e Mackey (2007),

A aprendizagem de idiomas — como todo o aprendizado — começa em casa. E a aprendizagem de idiomas — novamente, como todo o aprendizado — funciona melhor quando é agradável para todos os envolvidos, integrada às rotinas e interações cotidianas e significativamente conectada com a vida real. As crianças aprendem a linguagem através de contatos diários, laços emocionais e interações cotidianas com seus cuidadores. A aprendizagem de idiomas acontece, por exemplo, enquanto as crianças estão brincando de jogos do dia a dia, como esconde-esconde, e ao ouvirem conversas enquanto suas roupas estão sendo trocadas, quando estão sentadas na cadeirinha do carro e enquanto são alimentadas e tomam banho (King e Mackey, 2007, p. 97, tradução própria).

Fica nítido que os bebês e crianças pequenas adquirem a linguagem à qual estão expostos diariamente, ou seja, a que é utilizada em seu convívio habitual (King e Mackey, 2007). E esse fato não se resume apenas ao convívio do lar, pois não é somente através dos pais que as crianças adquirem linguagem, pode ser também através de um cuidador como babá ou no âmbito escolar, creche/escola e até em grupos em sua comunidade.

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), aponta que o ensino de inglês passa a ser disciplina obrigatória somente a partir do sexto ano do Ensino Fundamental (anos finais), mas as escolas que desejam introduzir antes, como no primeiro ano do Ensino Fundamental (anos iniciais) possuem essa autonomia. Como já abordado anteriormente, quanto antes o ensino for oferecido, mais benefícios as crianças terão, mas nem sempre a abordagem didática favorece um aprendizado fluido e prazeroso quando nos referimos a esfera educacional. De acordo com Megale (2019),

No que se refere ao inglês, a BNCC sugere sua importância para a criação de novas formas de engajamento e de participação dos alunos em uma sociedade cada vez mais globalizada e plural, com fronteiras difusas e contraditórias. Além disso, explicita que é fundamental o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico e para o exercício da cidadania ativa (Megale, 2019, p. 37).

Dessa forma, todas as escolas devem, obrigatoriamente ter um currículo educacional, como está estabelecida na principal lei da educação brasileira, a Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/96), que é consolidada pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Esse currículo é de extrema importância para toda escola pois é ele que garante que seja cumprido o direito a educação de qualidade. Nesse sentido segundo Megale (2019) O currículo escolar deve ser elaborado com atenção à realidade em constante mudança, pois ele é uma ferramenta essencial que oferece aos alunos os meios para refletir criticamente sobre o mundo e, com isso, desenvolver novas formas de interagir e ser. Portanto, o currículo é fundamental para fomentar a colaboração e a reorganização positiva da vida escolar, da sociedade e dos próprios estudantes. Megale (2019) segue afirmando que,

Pensar currículos multilíngues pressupõe considerar a produção da mobilidade dos sujeitos nas diversas esferas e possibilidades da vida como aspecto essencial ao seu desenvolvimento e ao da comunidade na qual estão inseridos (Megale, 2019, p. 31).

Quando pensamos em um ensino bilíngue, precisamos levar em consideração alguns fatores que vão além de apenas ter aulas em outro idioma, principalmente quando se refere a crianças, visto que de acordo com Bialystok (2022, p. 114, tradução nossa), "As propriedades emergentes e a organização funcional do cérebro das crianças, desde a primeira infância (iniciando na fase de bebê), têm um impacto profundo e duradouro em todo o desenvolvimento subsequente". Portanto, o planejamento do currículo bilíngue deve ser intencional para aproveitar a plasticidade neural da infância e garantir que a aquisição da segunda língua contribua positivamente, não somente tratando-se de acréscimo de vocabulário e sim um modelo pedagógico que utiliza a língua como um instrumento natural para a formação do indivíduo. Sacristán (1991/2000),

Alertava para os perigos da maneira como os currículos são vividos nas escolas. Muitas vezes, apresenta-se o currículo aos docentes como um bloco pronto, sobre o qual eles não têm influência alguma. Cabe aos professores, nesses casos, a simples reprodução das prescrições definidas em documentos, normas e materiais didáticos que lhes impõem condutas (Sacristán 1991/2000, *apud* Megale 2019, p. 32).

Reforça Megale (2019) que a falta de orientação curricular adequada faz com que os docentes, particularmente os novos sem experiência, reproduzam de maneira automática os conteúdos dos livros didáticos ou os modelos de ensino tradicionais. Consequentemente, muitos sentem-se desorientados e sem apoio para formular estratégias pedagógicas próprias. Tal desorientação é prejudicial ao sistema de educação bilíngue, especialmente quando voltado para o ensino de crianças, pois como King e Mackey (2007) reiteram,

Para ter um ótimo sucesso a aprendizagem de uma segunda língua deve ser muito semelhante a primeira. Em outras palavras, as atividades de segunda língua são mais eficazes quando são divertidas, lúdicas, interativas e conectadas às atividades do dia a dia (King e Mackey, 2007, p 99, tradução nossa).

É nessa perspectiva que o trabalho dos professores e educadores deve ser orientado, buscando facilitar a aprendizagem de forma prazerosa e envolvente. Assim, as crianças passarão a desenvolver o gosto pelo saber e participarão ativamente das aulas, fugindo dos métodos tradicionais deixando o aprendizado acontecer de forma mais natural e significativa.

De acordo com Dewey (1938) as crianças precisam experienciar para aprender. O autor destaca que a experiência representa uma expansão do mundo do indivíduo, além disso, reforça que a experiência é fundamental na formação do conhecimento principalmente para as crianças, e que essas experiências

devem orientar as ações educativas. O modelo mais antigo de aula na qual o professor é o único transmissor do conhecimento, já não é mais visto como melhor maneira de ensinar.

Segundo Oliveira e Silva (2024),

A aquisição do inglês, como segunda língua, na maioria das vezes acontece na escola através de métodos tradicionais, como tradução e estudo da gramática, mas também pode acontecer fora da sala de aula, quando entramos em contato com outro idioma através de interações com outras pessoas, vivências e culturas, por meio dos recursos digitais cada vez mais presentes em nossas relações cotidianas (Oliveira e Silva, 2024, p.101).

Portanto, a escola como uma instituição social e um espaço de mediação no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, deve identificar e inserir formas de aquisição mais naturais e interativas além de ser fundamental que as práticas pedagógicas evitem a rigidez como memorização de vocabulário e de gramática, e se alinhem a métodos lúdicos e comunicativos com interações reais e até mesmo uso de recursos digitais.

Oliveira e Silva (2024) dizem que,

No âmbito educativo, o ensino de língua inglesa demanda uma constante reflexão sobre práticas pedagógicas inovadoras e eficazes. Dentro desse contexto, o Método Educativo Montessori surge como uma abordagem pedagógica que destaca a autonomia e o desenvolvimento individual do aluno. A eficácia do ensino de línguas ultrapassa a transmissão de conhecimento e trabalha a habilidade do educador de adaptar-se às necessidades e características individuais dos alunos. Neste cenário, o Método Educativo Montessori, desenvolvido por Maria Montessori, oferece uma abordagem centrada no aluno e na criação de condições de aprendizado em um ambiente que estimula a curiosidade e a autodireção (Oliveira e Silva, 2024 p. 100).

Na perspectiva de Vigotski (2009), o ato de aprender requer o envolvimento da imaginação e da capacidade criativa, afirmando que o desenvolvimento das crianças está vinculado a interações sociais e que através de mediações de um adulto ou um outro colega há avanços em suas capacidades. Como o autor evidencia, a aprendizagem nada mais é que um processo social colaborativo e em movimento. Nota-se que a interação é importante no processo de aquisição de conhecimento e, nesse sentido, isso se conecta também a questão do brincar, pois na brincadeira as crianças interagem o tempo todo umas com as outras. Vigotski (2009) expõe que,

Na brincadeira, o mais importante não é a satisfação que a criança obtém brincando, e sim a utilidade objetiva, o sentido objetivo da brincadeira para a própria criança, que se realiza inconscientemente (Vigotski, 2009, p. 91).

Porque não aproveitar esse momento da brincadeira que é tão importante e cheio de significado e usá-lo a favor do aprendizado nas escolas, utilizar essa ferramenta que é algo natural para as crianças e explorar em vários sentidos? Uma brincadeira guiada ou, melhor dizendo, uma atividade lúdica na

escola, nas aulas particulares e cursos, nada mais é que uma atividade com objetivos pedagógicos, direcionando os alunos, garantindo que a aquisição do conhecimento seja significativa.

A sala de aula é um lugar rico em aprendizado no qual o professor tem autonomia de explorar os conteúdos de diversas maneiras com as crianças. Uma imersão em rotina com um específico contexto, por exemplo, como um dia de compras no mercado para trabalhar vocabulários de comidas, é uma ótima maneira para praticar palavras referentes ao tema e inclusive números e dinheiro na hora de fazer o pagamento. Além disso a aprendizagem com crianças pequenas passa a ser mais prazerosa para elas através de jogos, materiais concretos e sensoriais, músicas juntamente com a dança, rimas e também muita leitura de livros.

Sob a ótica de Bialystok (2022),

A experiência com histórias aprimora todos os aspectos das habilidades linguísticas e cognitivas que são, em última análise, responsáveis pelo letramento. Por meio das histórias, as crianças podem aprender novos vocabulários e estruturas gramaticais enquanto se engajam na compreensão de significados (Bialystok, 2022, p. 78).

Em suma, quando o professor integra a aula com músicas, rimas e a leituras ao dia a dia escolar, ele respeita o ritmo de descoberta das crianças, tornando o processo de bilinguismo uma extensão natural de sua curiosidade.

4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa descritiva, obtida através de levantamento e análise sistemática de livros e artigos científicos, que permitiram fundamentar teoricamente os impactos do bilinguismo no desenvolvimento cognitivo infantil. O estudo apresentou conclusões de autores de referência que contribuíram para dar sustentação a pesquisa.

Com base nas análises discutidas ao longo desse estudo, é possível considerar que a exposição a um segundo idioma não sobrecarrega o desenvolvimento de nenhuma criança, mas expande a consciência metalinguística facilitando o processo de aprendizagem. Apesar de muitos estudos serem claros em relação a isso, ainda existem muitos pais que têm inseguranças em relação a criar um filho bilíngue ou mesmo colocar em uma escola bilíngue desde bem pequenas. Além disso, escolas e profissionais não levam a sério o ensino do inglês nas salas de aulas, passando a ser algo apenas para cumprir a BNCC, por exemplo, em que o inglês é de obrigatoriedade apenas do sexto ano em diante e não desde a Educação Infantil ou Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Desta forma, esta pesquisa buscou responder a problemática: a aquisição de um segundo idioma na primeira infância pode resultar em efeitos positivos nos processos cognitivos das crianças? Ao longo desse

trabalho, constatou-se que o bilinguismo precoce oferece vantagens qualitativas no desenvolvimento da atenção seletiva e da consciência metalinguística das crianças, assim como uma maior flexibilidade cognitiva, não causando nenhum tipo de confusão mental ou atrapalhando o processo de aprendizagem da língua materna. Os autores mencionados no decorrer do trabalho mostraram que o bilinguismo infantil traz benefícios cognitivos que, inclusive, podem ajudar no processo de letramento quando a criança estiver já nessa fase. Eles também mencionam que crianças mais velhas e adultos, igualmente possuem a capacidade de aprender um segundo idioma normalmente, mas, ainda assim, para crianças bem pequenas a facilidade é maior por estarem em um momento da vida propício a aprendizagem no geral e por não terem vergonha de arriscar quando estão aprendendo.

Ficou demonstrado, no decorrer desta pesquisa, que o cérebro da criança bilingue precisa, com frequência, inibir uma língua para falar a outra e isso atua como um exercício que acarreta benefícios cognitivos aos pequenos. Além disso, é importante que as instituições de ensino e o corpo docente busquem mais especialização e engajamento em metodologias ativas priorizando abordagens lúdicas e que tenham significados.

Embora os objetivos iniciais tenham sido atingidos, reconhece-se que o bilinguismo é um tema vasto e condicionado às diferentes realidades socioeducacionais brasileiras. Assim, este trabalho não tem como objetivo encerrar o debate com conclusões definitivas, mas sim atuar como um propulsor para reflexões teóricas posteriores. A intenção é possibilitar uma maior conscientização sobre o tema e inspirar a renovação de estratégias pedagógicas voltadas à primeira infância em relação ao ensino do inglês como segunda língua.

REFERÊNCIAS

BIALYSTOK, Ellen. **Bilingualism in development: language, literacy, and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BIALYSTOK, Ellen. Bilingualism as a slice of apple pie. **International Journal of Bilingualism**, [S. l.], v. 25, n. 4, p. 863-867, 2021.

BIALYSTOK, Ellen. **Bilingual children: families, education and development**. New York - Paris: TBR Books, 2022.

BLOOMFIELD, L. (1933). **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação infantil e ensino fundamental**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 20 nov. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/1879078200/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao-nacional-de-1996-lei-9394-96>. Acesso em: 20 nov. 2025.

DE HOUWER, Annick. **The acquisition of two languages from birth: a case study**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DEWEY, John. **Experience and education**. London: Collier Macmillan Publishers, 1938. (The Kappa Delta Pi Lecture Series).

FLORY, Elizabete Villibor; SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. **Intercâmbio**, São Paulo, v. 19, p. 23-40, 2009.

FLORY, Elizabete Villibor; SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Bilinguismo precoce e desenvolvimento infantil sob a perspectiva da psicologia genética: resenha de literatura. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 159-170, 2009.

GENESEE, Fred. **Early childhood bilingualism: perils and possibilities**. Canadian Psychology/Psychologie canadienne, [s. l.], v. 56, n. 1, p. 6-15, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/a0038599>. Acesso em: 20 nov. 2025.

GROSJEAN, François. **Bilingual: life and reality**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2010. Disponível em: ProQuest Ebook Central. Acesso em: 9 out. 2025.

KING, Kendall; MACKEY, Alison. **The bilingual edge: why, when, and how to teach your child a second language**. New York: HarperCollins, 2007. E-book.

LENT, Roberto. **O cérebro aprendiz: neuroplasticidade e educação**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2019.

MEGALE, Antonieta (Org.). **Educação bilíngue no Brasil**. São Paulo: Richmond: Fundação Santillana, 2019.

OLIVEIRA, Hérville Maria Santos; SILVA, Rivaldo Ferreira da. Ensino de língua inglesa para crianças à luz do método Montessori. **Open Minds International Journal**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 99-114, 2024.

PAZ, Sherlie; ALFANO, Alliete R.; MEDINA, Angela M.; HAYES, Timothy. Speech-language pathologists' perceptions of childhood bilingualism. **Clinical Linguistics & Phonetics**, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 1-20, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02699206.2022.2152729>. Acesso em: 14 nov. 2025.

PEAL, Elizabeth; LAMBERT, Wallace E. The relation of bilingualism to intelligence. **Psychological Monographs: General and Applied**, Washington, DC, v. 76, n. 27, p. 1-23, 1962. (Whole No. 546).

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. (Original publicado em 1966).

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SCHELLETER, Christina. **Introduction to bilingualism**. London: Red Globe Press: Macmillan Modern Linguistics, 2020.

TRASK, Robert Lawrence. **Linguagem**: os conceitos básicos. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Tradução de Zoia Prestes. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008 (Original publicado em 1934).

ZAVAGLIA, Claudia. Ambigüidade gerada pela homonímia: revisitação teórica, linhas limítrofes com a polissemia e proposta de critérios distintivos. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 19, n. 2, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/xSPnXGXhqcZdfx8zpXjrP9S/?lang=pt>. Acesso em: 7 nov. 2025.